

## TRADUÇÃO: CONTINUAÇÃO DOS PENSAMENTOS SOBRE O COMETA \*

PIERRE BAYLE

TRADUÇÃO DE MARCELO DE SANT'ANNA ALVES PRIMO \*\*

### §C. DIVERSIDADE DE OPINIÕES SOBRE A QUESTÃO DE QUE SE É POSSÍVEL HAVER ATEUS ESPECULATIVOS

[**PROBABILIDADES PRÓ E CONTRA A EXISTÊNCIA DE ATEUS ESPECULATIVOS.**] Uma outra razão dever-vos-ia levar a não assegurar que há somente Ateus de prática: é que não podeis dar isso como um fato certo, mas, no máximo, como um fato que a opinião de muitos graves Autores tornou provável. Sabeis bem, Senhor, que quando se opõe somente probabilidades a seus adversários, não se ganha quase outra coisa do que alongar as disputas e torná-las tão prolixas que elas entediam ou desagradam aos leitores. Penseis que eu não possa responder-vos com uma probabilidade tão grande como a que vos me objetaste? Tantos Historiadores que dizem que encontraram no novo mundo vários países sem religião, tantos Autores que sustentam que a ignorância de Deus é por algumas vezes invencível, não tornam tão provável o que vos negastes, que poderia não ser o que vos afirmeis?

A autoridade de vossos testemunhos seria mais considerável se eles sustentassem que há muito poucos Ateus; porque poder-se-ia presumir que eles conheceram esse pequeno número de pessoas, sondaram-nos até a carne e virando-os de todos os lados eles certamente descobriram que seu Ateísmo era somente prático. Mas quando os vemos deplorar que o número desses Ateus seja tão prodigioso, não saberíamos imaginar que eles os conhecem pessoalmente,

nem mesmo que sobre conjecturas tão circunstanciadas eles tenham desenvolvido o que se passa no coração da maior parte desses ímpios. Ocorre então que eles falam em vista do país. Logo, o meio de se assegurar sobre sua palavra que, com efeito, não há ninguém que não creia na existência divina e que os que são nomeados Ateus somente são celerados, que se esforçam por uma malícia furiosa de se desfazer da persuasão de que há um Deus?

[**PACARD NEGA QUE O TENHA DITO.**] Um Ministro Francês que escreveu contra os Ateus no ano de 1574, intitulara assim o 2. capítulo: (I)<sup>1</sup> *Nos corações dos homens é naturalmente gravado um sentimento de divindade que não pode ser inteiramente anulado e afastado pela malícia dos reprovados.* Eis então um homem que nega inteiramente a existência de Ateus especulativos. *Que se faça a busca por todo o universo, cita ele (2)<sup>2</sup>, que examinem todos os séculos passados, que leiam todas as histórias tanto antigas como modernas, que se escute aqueles que vêm da América e das terras Novas, eles testemunharão que hoje e desde sempre a religião teve e tem lugar entre os humanos. É verdade que o sentimento de divindade é sufocado em alguns por sua malícia, mas não é totalmente anulado.* Por esses alguns ele não entende um pequeno número de pessoas. Ele quer dizer (3)<sup>3</sup> “É então maravilhoso ver TANTOS HOMENS mentirem para si mesmos, os quais, ao invés de nutrir e manter essa semente, o que ela possa vir a amadurecer e para colher frutos, eles tratam de sufocá-la e anulá-la.” Ele assegura em sua epístola que *no começo de seu ministério ele teve de combater*

\* Doutorando em Filosofia UFBA/CAPES-PDSE.

\*\* O título da obra é *Continuation des Pensées diverses à un Docteur de Sorbonne, à l'occasion de la Comète qui parut au mois de Décembre 1680. Ou Reponse à plusieurs difficultez que Monsieur\*\*\* a proposées à l'auteur*, publicada em Roterdam, 1704, 2 vol. Na *Continuation*, Bayle retoma e vai mais a fundo nas teses propostas em seus *Pensées diverses sur la comète*, particularmente a de que ateísmo e moral são perfeitamente compatíveis.

<sup>1</sup> George Pacard, *Theologie naturelle*, pag. m. 56. (N. do A.).

<sup>2</sup> *Id. Ib.*, pag. 59-60. (N. do A.).

<sup>3</sup> *Id. Ib.* (N. do A.).

(4)<sup>4</sup> antes os Epicuristas e os Ateus que os Católicos Romanos. Nós vemos a terra, continua ele, e notadamente este Reino coberto (I)<sup>5</sup> de Deístas, de Epicuristas, Ateístas e outros monstros. Ele fala com mais força ainda no prefácio: (2)<sup>6</sup> “Logo, não é preciso dizer somente que há poucos homens que afirmam este (3)<sup>7</sup> aviso, antes precisaria com a boca cheia deplorar sua estupidez, até mesmo a sua brutalidade, porque a terra não sustenta nem alimenta tantos homens corrompidos e profanos. A impiedade jamais esteve em voga desta maneira. Século algum se passou no qual os Homens tenham sido tão prodigiosos como eles o são hoje. Uns são Deístas, outros Epicuristas e a maior parte Ateus.”

Pergunto-vos se ele realmente conheceu todos esses ímpios. Não me respondeis que bastaria ele ter com três ou quatro e que, como um único artifício dos Gregos (4)<sup>8</sup> se podia julgar todos os outros, ele também podia julgar o caráter de todos os Ateus pelo de dois ou três. Ó belo meio de enganar-se! Os homens são mais diferentes dos outros pelo espírito do que pelo rosto. Eles chegam ao mesmo fim por mil tipos de caminhos. Não há consequência alguma tirar os motivos de um aos motivos de outro.

**[BEM COMO TURRENTIN.]** O Sr. Turrentin é um de vossos testemunhos mais ilustres. Ele decide (5)<sup>9</sup> que não há Ateus de especulação, mas ao mesmo tempo ele confessa que o nosso século é muito fecundo em Ateus (6)<sup>10</sup>: *Questionem hanc (de Dei existentia) necessariam reddie hodie Atheorum, quorum nimis ferax est seculum*

<sup>4</sup> Um outro Ministro que, sob o nome de Baruch Canephius publicou um livro intitulado *Atheomachie*, diz no prefácio que prosseguindo o curso de sua vocação ele encontrou, entre diversos outros obstáculos, um amplo terreno de botões de amargura, isto é, de Ateísmo brutal, de blasfêmias horríveis e de um profano desprezo de Deus. (N. do A.).

<sup>5</sup> Conferir com as palavras de Viret relatadas no *Dict. Hist. Et Crit.*, na observação D de seu verbete. (N. do A.).

<sup>6</sup> Pacard, *Ib.*, pag. 17. (N. do A.).

<sup>7</sup> Isto é, de que Platão exorta os homens de irem a Deus. (N. do A.).

<sup>8</sup> *Accipi nunc Danaum infidias & crimino ab uno Disce omnes.* Virg. *Æn.* li.2, vol. 65. (N. do A.).

<sup>9</sup> *Francisc. Turrentinus, theol. elenct. Part. I, loco 3, pag. 184.* (N. do A.).

<sup>10</sup> *Id. Ib.*, p. 175. (N. do A.).

*corruptissimum, execrabilis vesania, qui clarissima huic veritati impie refragari non erubescunt [...]* (7)<sup>11</sup> *Cum tantus sit hodie in mundo Atheorum numerus, mirum primâ fronte videri poterit, quòd tales dari, vel in dubium revocari possit, vel negari.* Eu não deveria falar-vos do Sr. Heidanus: ele não foi decisivo como o Sr. Turrentin. Sendo Cartesiano, ele era um grande promotor da ideia inata: lhe é desagradável que ele tenha tantos relatos que afirmam que foram encontrados povos ateus. Ele bem queria (1)<sup>12</sup> torná-los duvidosos: mas, a despeito de seus vieses e desvios, se sabe manifestamente que ele concede (2)<sup>13</sup> que há verdadeiros Ateus. Ele se contenta em estabelecer que ele não são muito numerosos em comparação aos Ateus de prática, que tratam de se livrar da crença que há um Deus(3)<sup>14</sup>, porque sendo muito criminosos, convir-lhes-ia não tê-la, porque não há outras pessoas, continua ele (4)<sup>15</sup>, que negam a existência como aqueles a quem seria útil que não tivesse Deus. Isso significa claramente que: 1) Que o medo dos infernos leva os maiores celerados, que sabem que mereceram a punição eterna, a afastarem de seu coração a persuasão não somente de Deus, mas de sua justiça; 2) Que não há como tais pessoas se livrarem desta persuasão. Então, é por um tal motivo que Epicuro, que o poeta Lucrécio e que Plínio negaram a providência. Mas como pode-se dizer isto? Não eram eles mais virtuosos do que a maioria dos Pagãos crédulos? [*Heidanus fala pró e contra*] O Sr. Heidanus não sabia que Bento Spinoza e os que filosofavam depois dele tinham uma vida mais impecável do que uma quantidade de ortodoxos? Mas continuemos a citá-lo. Ele deplora que o Ateísmo se espalhe no Setentrião, que o Ocidente não seja menos infectado que o Oriente, que isso seja um mal que penetrou em todas as Cortes e que se comunica a todas as ordens, que ninguém possa passar por político sem ter sido instruído nesse

<sup>11</sup> *Id. Ib.*, p. 183. (N. do A.).

<sup>12</sup> *Heidanus, De origine erroris, pag. 183.* (N. do A.).

<sup>13</sup> *Talium Atheorum (practice) omni tempori est magnus proventus atque ex hoc fonte verus etiam aliquando ortum habet.* Ver o que ele disse em um outro livro e que relato em meu Dicionário na observação L do verbete *Maldonat.* (N. do A.).

<sup>14</sup> *Id. Ib.*, p.252. (N. do A.).

<sup>15</sup> *Nemo enim Deum non esse credit, nisi cui Deum non esse expedit.* *Id. Ib.*, p. 253. (N. do A.).

pernicioso colégio. Ele encoraja os Magistrados a exterminarem esse monstro: (I)<sup>16</sup> *Et tamen hæc impietas inter non minimas seculi nostri calamitates numeranda vevvenit, que contagione sua serpsit ad Septentrionem nostrum, & peregrino, calore illum infectit, ut ne Orienti aliquid concedat Occidens. Etenim pervasit omnes aulas, curias, omnes hominum flatus & ordines salutat, & quasi magistras docens minerval ab omnibus exigit, ut memo cati Politici nomen gestare dignus videatur, nisi hujus schole factus discipulus. Quod nisi Deus malum compescat, & Magistratum cura advigilet, ut in herba opprimatur hoc lolium, verendum, ne tandem vitalia excedat.*

Poderíeis se servir deste Doutor como um semi-testemunho, mas não ser-vos-ia aconselhável se tivesse sido bem examinado tudo o que foi dito sobre esta matéria. Ele teria de colher muito mais coisas, como ligá-las todas em uma boa harmonia, tirar consequências que fossem justas e que não se entrecocassem. Ele relata (2)<sup>17</sup> tantas causas do Ateísmo que podem enganar o espírito sem que uma consciência carregada de crimes lhe dê cartas de recomendação, que deve espantar-se que só leve em conta o interesse de evitar o inferno. Ignorava ele que o espírito é bastante fraco para escolher (3)<sup>18</sup> a falsidade preferivelmente à verdade sem que os males do coração aí misturem as influências e, sobretudo, quando os objetos não caem sob os sentidos e que a sua natureza é infinita?

**[INVALIDADE DESSES TESTEMUNHOS.]** Caso vos dessem seu testemunho pura e plenamente como o fazem os dois Ministros (4)<sup>19</sup> os quais citei as palavras, não estaríeis muito mais adiante. Estaríeis sujeito às mesmas censuras que os outros: ele sondava os reinos e os corações? Ele vira o que se passava na alma de tantas pessoas que ele acusa? Conhecia-os pelo seu nome? Frequentou-os e catequizou-os? Mas eu vejo que essas censuras não sejam válidas: que vos ganhareis? Não posso citar-vos pessoas de grande

peso, que reconheceram um Ateísmo especulativo que falta de instrução, e não a malícia, serviu de berço?

**[ARNAULD RECONHECEU ATEUS ESPECULATIVOS.]** Se isto foi necessário, nomear-vos-ei vários Escritores ilustres que não duvidam de forma alguma da verdade dos relatos, onde se afirma que foram encontrados povos ateus no novo mundo. Contentar-me-ei em citar-vos o Sr. Arnauld, sua autoridade é tanto mais considerável que ele jamais favoreceu as opiniões fracas, e que ele foi um grande espírito: (I)<sup>20</sup> “Todos os que nos forneceram a história das Antilhas permanecem de acordo, que antes de elas terem sido descobertas pelos Cristãos, todos os habitantes dessas Ilhas estavam em uma profunda ignorância de Deus, não adorando nem verdadeiros nem falsos e que não tinham ninguém que pudesse instruí-los, todos os seus vizinhos estavam na mesma ignorância.” Ele confessa então que existiram nações inteiras culpadas de Ateísmo especulativo, logo, longe de os acusar de terem caído ou manterem-se maliciosamente neste estado, ele prova (2)<sup>21</sup> que eles foram privados dos meios suficientes para conhecer Deus<sup>22</sup>, e que eles seriam desculpáveis se a doutrina dos Jesuítas no tocante à ignorância invencível foi verdadeira. A razão sobre a qual ele se funda para sustentar não é inocente, (3)<sup>23</sup> ele a vê como uma condenação do pecado original. Então, como ele supõe que uma ignorância, que é a consequência do pecado original, não desculpa, ele conclui que a ignorância de Deus é punível mesmo na falta de todos os meios suficientes para conhecer Deus, e que ela não decorre das faltas particulares, (I)<sup>24</sup> de uma pessoa, mas de todos os filhos de Adão.

<sup>20</sup> Arnauld, 4, *denonc. du peché philosoph.*, p. 35 (N. do A.).

<sup>21</sup> 2 *denonc., du peché philos.*, pag. 89 & seg. Ver acima cap. 53 até o fim. (N. do A.).

<sup>22</sup> Itálicos de Bayle (N. do T.).

<sup>23</sup> *Para julgar a qualidade dos pecados de tantos povos que foram privados do conhecimento do verdadeiro Deus, não serve de nada saber se eles tiveram meios ou não tiveram meios humanos para conhecê-lo: se eles tiveram, sua ignorância foi um pecado. Se eles não tiveram, foi uma condenação do pecado. Em ambos os casos, não se pode negar sem erro que eles tenham pecado fazendo o que ele proíbe, ainda que eles não o tenham conhecido.* Id., I *denonciat.*, p. 46, Ver também a 2 *denúncia*, p. 85. (N. do A.).

<sup>24</sup> Ver a 2 *denúncia* pag. 85. (N. do A.).

<sup>16</sup> *Id. Ib.*, p. 257. (N. do A.).

<sup>17</sup> *Ibid.*, livr. 4, cap. 2 & seq. (N. do A.).

<sup>18</sup> Isto é, como que revestida das aparências da verdade, ao passo que a verdade se apresenta sob a forma de falsidade. (N. do A.).

<sup>19</sup> Georges Pacard e François Turrentin. (N. do A.).

**[BEM COMO BASNAGE.]** Quanto à confissão do Ateísmo de alguns povos Americanos, se eu me contento em alegar-vos o Sr. Arnauld, sem acrescentar a seu testemunho o de algum Ministro famoso (2)<sup>25</sup>, como ser-me-ia fácil, não será do mesmo modo quanto à invencibilidade da ignorância de Deus. A autoridade de um Teólogo Protestante parecer-vos-á mais respeitável que a de um Doutor da Sorbonne: é porque citar-vos-ei um sábio Ministro, que reconhece que certos Ateus seriam inocentes se a ignorância invencível desculpasse os homens. Ele se serve desta consequência para refutar os privilégios que queriam atrelar à ignorância invencível. Eis suas palavras: (3)<sup>26</sup> “Nesta suposição, a ignorância invencível se estende a todas as coisas, porque não há uma única sobre a qual não se encontre dificuldades que não se podem não ser levantadas. Há uma ignorância invencível difundida sobre a existência de Deus, porque muitas dificuldades podem nascer em um espírito de um Ateu de especulação, e uma alma que não terá a força para digerir as objeções que lhe faz um Sofista e que, por esta fraqueza, fará profissão aberta de impiedade, não deixará de ser coroada no Céu, como os Mártires do Deus Vivo. Podemos dizer, não se pode isentar o Ateísmo da ignorância invencível e inocente, visto que podem ser encontradas dificuldades sobre esta matéria, insuperáveis para certos espíritos...Vejais que é ir muito mais longe que o Sr. Arnauld, porque não se limita aos Ateus que jamais ouviram falar de Divindade, falamos daqueles que fazem discussões sobre a existência divina, e comparadas prova a prova, objeção a objeção, convém que, de boa fé, eles poderiam tomar o mau partido; porque os que refutam, não querem desculpar a ignorância voluntária.

**[JURIEU TAMBÉM RECONHECEU ATEUS DE BOA FÉ]** Um outro Ministro, o mesmo que tanto bradou contra meus Pensamentos Diversos, já tinha

<sup>25</sup> *Multa (gentium barbararum) ne cogitant quidem se peccatores esse, nec Deum ullum adorant, nec ullum normen habent, quo Deum exprimant; quod de Brasiliensibus notavit Clariss. Vir Joannes Laetius noster in eximio opere.* Frider. Spanhem. exercitat. De gratia universali to., I, pag. 569, Ver também pag. 655. (N. do A.).

<sup>26</sup> *Basnage, Traité de la conscience, liv. I, ch. 6, pag. 72-73, edition d'Amsterdam, 1696.* (N. do A.).

proposto esta objeção àqueles que ele crê muito favoráveis à ignorância invencível. Ele (I)<sup>27</sup> observa que os Canibais não conhecem nenhuma religião, nem nenhuma distinção entre o bem e o mal, que (2)<sup>28</sup> *sua ignorância é invencível em relação à seu nascimento e à sua educação. Nascidos e educados como eles são, é moralmente impossível eles não serem o que são, e se fosse verdadeiro que a suficiêcia da notificação sempre deveu ser medida em relação aos preconceitos, à educação e a outros obstáculos externos, seria certo que esses Canibais não teriam recebido nenhuma notificação suficiente em relação à seu estado, das leis da natureza e da existência de um Deus que quer ser adorado e, por consequência, não seriam mundanamente<sup>29</sup> culpáveis e não saberiam ser justamente punidos.* (3)<sup>30</sup> *Eles não cometem nada contra a consciência porque eles crêem de boa fé que tudo é permitido.* Ele sustenta (4)<sup>31</sup> que se a ignorância de boa fé desculpa no mesmo caso de infidelidade, ela desculpa os Ateus, porque ele crê *que o Ateísmo de boa fé está revestido, no espírito de um Ateu, de todas (I)<sup>32</sup> as vestes<sup>33</sup> da verdade, (2)<sup>34</sup> que um Ateu não é blasfemador segundo sua própria doutrina, que quando ele ofende Deus por palavras de incredulidade e de Ateísmo, ele somente ofende uma quimera e um ser de razão segundo o seu pensamento, e que, havendo (3)<sup>35</sup> um sentimento interior que não há Deus, que ele sente isto em seu interior, não se pode dizer que ele não tem consciência.*

Estais-vos altamente condenado por dois Ministros. Eles reconhecem que se enganam (4)<sup>36</sup>

<sup>27</sup> *Jurieu, Des droits des deux souverains, pag. 54, éd. de Rotterdam., 1687.* (N. do A.).

<sup>28</sup> *Id. Ib., pag. 55.* (N. do A.).

<sup>29</sup> *En façon du monde, no original.* (N. do T.).

<sup>30</sup> *Id. Ib., p. 56.* (N. do A.).

<sup>31</sup> *Id. Ib., p. 61.* (N. do A.).

<sup>32</sup> *Há de todos os direitos no original: mas sem dúvida o Autor queria dizer vestes. Sendo lida toda a página, vê-se que ele se exprimiu assim, como o fez na página 64.* (N. do A.).

<sup>33</sup> *Livrées, no original.* (N. do T.).

<sup>34</sup> *Id. Ib., pag. 62.* (N. do A.).

<sup>35</sup> *Id. Ib., pag. 65* (N. do A.).

<sup>36</sup> *Tomando a palavra no sentido do comentário filosófico sobre o forçai-os a entrar, onde declaramos em toda ocasião que aqueles que erram porque se negligenciaram a instruir-se, ou que examinaram as razões dos prós e dos contras sem uma intenção sincera de descobrir a verdade, mas antes no desejo de se afirmar em seus preconceitos pelo interesse de alguma paixão, [CONTINUA]*

de boa fé, e que são, por consequência, de uma outra espécie que não é a que vos me alegueis.

Com receio que não se creia que o último desses dois Ministros não falou assim, que no calor da disputa que a equidade exige que eu não me prevaleça do que pode lhe ter escapado nesse momento, e que talvez o tenha negado no dia seguinte, peço-vos para observardes que ele já tinha sustentado a mesma coisa e que a sustentou depois: (5)<sup>37</sup> *se o erro travestido pode entrar nos direitos da verdade, seguir-se-á que UM ATEU DE BOA FÉ está no direito de blasfemar contra Deus, de dizer que o que se chama Deus é um fantasma vão, um Ídolo da nossa imaginação.* Segundo os princípios da tolerância, (6)<sup>38</sup> “UM ATEU DE BOA FÉ que buscou Deus, que pensou que o mundo é Deus e que não há outro, deixasse por isto: *eis a verdade encontrada.*” Vejais então que alego não um sentimento passageiro deste Ministro, mas seus dogmas firmes, digeridos e bem constantes.



#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAYLE, Pierre. **Œuvres diverses**. La Haye, 1727. [versão fac-símile].

\_\_\_\_\_. **Continuation des pensées diverses à un Docteur de Sorbonne, à l'occasion de la Comète qui parut au mois de Décembre 1680. Ou Reponse à plusieurs difficultez que Monsieur\*\*\* a proposées à l'auteur**. Amsterdam: Herman Uytwerf, 1722 [versão fac-símile].



---

**[CONTINUAÇÃO DA NOTA 36]** *não erram de boa fé*. (N. do A.). Bayle aqui faz alusão ao *Commentaire philosophique sur les paroles de Jésus-Christ “Contrains-les d’entrer”*, publicado em 1686. Um dos temas centrais é o direito da consciência errante, no qual o filósofo de Carla reflete exaustivamente e que perpassa toda a obra. (N. do T.).

<sup>37</sup> *Id. Système de l’Église, pag. 184, édit. de Dordrecht, 1686.* (N. do A.).

<sup>38</sup> *Id., Tableau du socinianisme, pag. 320, édition de La Haie, 1690.* (N. do A.).